

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, B. Machado, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Reis Damaso, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 10

Maio — 1882

1.º anno

GRÉVY (François-Paul-Jules)

PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANÇAESA

Encarregam-me de biographar Grévy. Não é tão difficil como podia ser, por que Grévy tem historia sua, tem grande parte na historia recente do seu paiz.

Ha homens que são como um livro aberto. Grévy é um d'estes. A sua biographia era para um grande volume, onde os factos nobilissimos, elevados, correctos, transpirando dedicação e amor pela causa social se agrupariam como material para sublimar apothese, se tão acanhados não fossem os limites d'esta publicação.

Poderia faltar o conceito como era necessario que fosse para ser digno de tão levantado assumpto; a firmeza de traços para contornar a famosa estatura do terceiro presidente da republica franceza, mas sobraria o testemunho incontroverso da historia e dos contemporaneos para que fallassem por nós, e tão alto que desnecessarias seriam outras vozes para que todos ouvissem o que é a historia de um homem honradamente celebre dos nossos tempos, de um notavel apostolo das modernas republicas.

Não precisamos, nem podemos pois, alongar-nos em largas considerações, ao traçar algumas notas biographicas do grande estadista; o que precisamos é registrar aqui o seu nome glorioso, e collocar-o n'esta modestissima galeria como homenagem a quem tão dedicadamente contribue para a regeneração politica da raça latina e para a felicidade social da velha Europa.

Como portuguezes, para quem a aspiração á liberdade vem dos primeiros alvares da Lusitania, e como republicanos,

para quem a dignidade civica é a primeira condição das nacionalidades hodiernas, saudamos em Grévy o mais prestante republicano do velho mundo.

Ha logar para todos no grande movimento da scena politica, mas nem todos comprehendem a linha que lhes é mareada no vasto tablado.

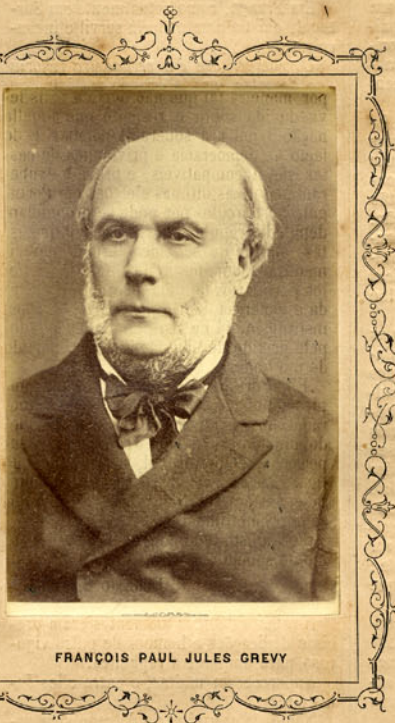
Uns, demasiado ardentes, mal se compadecem com um papel secundario ou menos importante, e rompem os limites da sua esphera, invadem campos que lhe são defesos, até chegarem á ribalta para que os vejam, para que os oçam, para que saibam que alli está quem se dispõe ao sacrificio. Partidarios intransigentes, uns luctadores para quem a summa felicidade é deparar-se-lhe quem levante a luva que constantemente arremessam a todos aquelles que não tenham identidade de pensar.

Podem não comprehender o *ipse dixi*, mas aceitam-o como dogma: são intolerantes a ponto de não admitir quem não creia nos artigos da sua fé.

São os fanaticos.

Outros são partidarios apaixonados. Homens para quem o cultivo do espirito podia ser o grande recurso contra erros tremendos, são dominados por uma imaginação ardente, ouvem baladas onde podiam ouvir soluços, vêem victorias onde ha desastres e apalpm os loiros das luctas no remanso do gabinete, em conversa amiga ao commentarem um artigo da gazeta do dia que falla d'elles.

São os utopistas.



FRANÇOIS PAUL JULES GREVY

Em França, como em toda a parte, ha republicos para diferentes apreciações. Todos querem um rei de menos, mas nem todos accordam nos processos de eliminar o rei.

Outros querem a guerra constante. A revolução é o remedio para todos os males, a solução para todos os problemas

sociaes; sem quererem vêr que podem sacrificar a patria com tal systema, preferem a tudo o doce enlevo de sentirem a fusilaria a queimar-lhe os cabellos soltos ao vento das refregas, e acham bom e heroico dar o ultimo adeus ao companheiro no hospital de sangue.

São os nervosos.

Outros ha que são republicanos vencidos; isto é, que acharam pela analyse e por methodos comparativos e experimentaes a formula da regeneração social, e de applicação em applicação caminham em demanda da ultima expressão do problema politico que se propozeram resolver, sem perda de um milimetro de terreno andado.

São os positivistas.

A esta pleiade pertence Grévy.

Até 1848 nunca passára de um modesto nivel politico.

Profundamente pensador mal pode aliar a sobriedade de palavras, que é um dos seus traços característicos, com a paixão do discurso, com as galas da rhetorica que tem tido o primeiro logar nas grandes assembleias e até nos pequenos centros politicos.

Grévy tem horror á declamação e foge sempre dos momentos em que corre risco de desafiar o sentimento partidario mesmo com a fria eloquencia das demonstrações dos principios republicanos tão profundamente arreigados em seu coração.

Fugiu sempre das occasiões para brilhantes successos, por isso caminhou lentamente para as primeiras posições politicas a que os seus reconhecidos talentos lhe davam jus.

Não frequentava os comicios, nem as grandes reuniões. Não buscava a popularidade, que a muitos fascina, e a outros aniquilla. Grévy tinha a sua banca de advogado, estava sempre prompto a defender nos tribunaes os seus correligionarios a quem a politica compromettia, e no seu gabinete a prestar á causa que esposára o concurso da sua penna e do seu conselho.

No tribunal em face do moderno direito das gentes ninguem lhe vencia a argumentação cerrada e fria, sempre em favor de todas as manifestações da liberdade; alli, perante a justiça, ninguem mais que elle prestava culto á lei.

A isto se reduziu até certo tempo o concurso que prestou á causa republicana.

Talento, lealdade o honradez nunca desmentida foram, como são hoje, as sublimes causas que tornam Grévy amado e respeitado por todos.

Aproximam-se dias agitados para a Franca: chegamos ás vespersas de 1848. O Paris de 1792 parecia acordar para adormecer novamente até á bella madrugada de 1871.

A phrase de Luiz — 14.º *L'Etat c'est moi* insultara um povo livre, e já no primeiro quartel do seculo XVII o esplendido throno de S. Luiz reflectia uns pallidos e derradeiros fulgores, que, murchando de mais em mais, quasi se extinguiram ao levantarem-se os primeiros alvares de revolução com a queda de Luiz 16.º Ainda se viram fracas scintillações, tenues reverberos em curtos momentos de recordações do passado, que uma mão da historia apagou com a queda de Luiz Philippe, e a outra extinguiu com a queda dos Napoleões, empurrando a velha tradição para os *abyssos bons* de que falla Victor Hugo.

Perante a revolução de fevereiro cahira o ministerio Guiso-Duchâtel. O reinado de Luiz Philippe caracterizava-se pela obstinada recusa ás reformas politicas, por sua condemnavel marcha retrogada, por actos odiosos de corrupção publica.

O governo despresava o sentimento nacional, não dava satisfação aos seus justos clamores, antes caminhava até ás ultimas extremidades, violando o direito de reunião e prohibindo os banquetes politicos.

Em Franca, como actualmente em Portugal, existia uma maioria servil e inconsciente.

Corromper que é a verdadeira victoria dos despotas, era a grande maxima que vogava nas altas espheras da governação.

Do meio de tudo isto, nasce a resistencia popular.

Dellesert prohibe o banquete da XII circumscripção de Paris e a commissão resiste á intimação.

Ledru-Rollin, Luiz Blanc e outros fallam pela bocca da democracia, e seguem-se os dias de 22, 23 e 24 de fevereiro.

Guzot cae aos gritos de *viva a reforma*, Luiz Philippe deixa as Tulherias ao grito de *viva a republica*.

Fizera-se justiça, exercera-se a vingança popular desafiada por um montão de cadaveres, que haviam feito em nome do rei as ballas dos regimentos.

Vencera o povo, que teve o admiravel bom senso de receber as cargas aos gritos de *vivam os dragões*, de abrir o peito em frente dos regimentos, saudando os soldados.

Assim todos confraternisaram para restabelecer a ordem.

N'estes solemnes momentos eram precisas dedicações e homens de pulso vigoroso para amparar a republica.

Appareceram muitos, e entre elles Jules Grévy.

Nomeado commissario da republica para o departamento do Jura, desempenhou-se de tão difficil missão com tal moderação e intelligencia que desde logo ficou notavel na historia politica do seu paiz.

Dizia elle: *je ne veux pas que la République fasse peur*; e com tal regra de conducta fez acceitar e amar a republica, conciliou todos os espiritos, recebendo como

recompensa, por quasi unanimidade de votos, o seu mandato de representante do povo á assembleia constituinte, onde foi um dos vice-presidentes, e fez parte da commissão que desempenhava as funções de conselho de Estado, tornando-se notavel e querido por todos pelos seus vastos conhecimentos e zelo pelo serviço publico.

Grévy pertencia á esquerda republicana e durante a sua vida parlamentar sustentou luctas de gigante, uma das quaes ficou memoravel nos annos da politica franceza.

O *comité* para elaborar uma nova constituição presidido por Cormenin, estabelecia a presidencia da republica, instituição repellido pelo partido radical e apoiada pelos republicanos moderados.

Grévy comprehendeu o perigo de tal medida em paiz de tradições monarchicas, e apresentou uma emenda que ficou celebre com o nome de *amendement Grévy*, tendente a eliminar da constituição o presidente da republica, funcionario, segundo elle, tão perigoso para a liberdade, quanto inutil para a direcção dos negocios.

Grévy propoz os seguintes artigos:

«A assembleia nacional delega o poder executivo em um cidadão que recebe o titulo de presidente do conselho de ministros

«O presidente de conselho de ministros é nomeado pela assembleia nacional por escrutinio secreto e por maioria absoluta de votos.

«O presidente do conselho é eleito por tempo elimitado, podendo ser deposto em qualquer occasião,

— Grévy defendeu a sua proposta com a clareza de argumentação propria da sua intelligencia superior.

Mostrou que o poder que se pretendia estabelecer era a restauração da monarchia sob um nome diferente, e evidenciou que nem sempre a eleição popular pôde representar uma força excessiva, exemplificando com as eleições do anno X, que deram a Bonaparte o poder de levantar um throno para se assentar n'elle.

A Montagne e a extrema esquerda apoiaram a emenda de Grévy; mas os republicanos moderados e os dynasticos repelliram-n'a obstinadamente, uns por espirito de systema e outros por que viam na dignidade presidencial a imagem da forma monarchica a que desejavam voltar.

Nomeado relator da proposta Râteau, que tinha por fim a dissolução da assembleia constituinte antes de votadas as leis organicas, Grévy regeitou tal proposta sustentando a sua opinião com notavel coragem, fundado em que os desejos da reacção eram fazer eleger uma nova assembleia que podesse levar á presidencia Luiz Bonaparte,

Estas duas situações do actual presidente da republica franceza dão claramente a medida da agudeza de vistas de Grévy os factos mostraram o que o actual presidente da republica franceza já previa.

Reeleita a assembléa legislativa, combateu a politica do Elyseu, a coligação monarchica da camara, fallou e votou contra todas as medidas reaccionarias, expedição a Roma, leis sobre imprensa, sobre direito de reunião, revisão de constituição, etc.

O estupendo facto de 2 de dezembro, levou Grévy a retirar-se da vida politica para de novo entrar no seu gabinete de advogado, guardando alli, isolado do tumulto das paixões, as suas profundas crenças republicanas.

Fugiu da acção politica contaminada e doentia, e assim passou alguns annos, dolorosamente impressionado pelo caminho errado, que seguiam os negocios da sua querida patria.

Ouvira o juramento de Luiz Napoleão, prestado á republica de 1848.

Aquelle homem dissera :

«Presento-me ante vós, republicano democrata, sincero e ardente. A grande sombra do homem d'este seculo seja testemunha das promessas solemnes que vos faço.

«Os direitos dos mais, são os meus.

«A republica democrata será objecto do meu culto : eu serei seu sacerdote.

«Nunca tentarei cobrir-me da purpura imperial.

«Seque-se-me o coração no peito, no dia em que duvidar o que devo a todos e o que devo á França.»

Grévy previa o futuro, e não quiz vêr mais ; isolou-se.

Passado pouco tempo Luiz Napoleão era imperador !

Em 1868 os amigos de Grévy instaram para que voltasse á acção politica.

Em agosto voltou á camara como candidato democrata pela segunda circumscripção do Jura, onde se apresentou tal como o conhecemos, cheio de energia e moderação.

A invencivel firmeza de suas opiniões republicanas, a austeridade de seu caracter, os seus discursos vigorosos e simples, a sua argumentação solida e energica, conquistaram-lhe o respeito dos seus e dos proprios adversarios.

Em 1869 foi reeleito ainda pelo Jura por quasi unanimidade de votos.

Grévy foi um dos 8 delegados enviados ao Hôtel de Ville, depois de se ter associado ao protesto feito por muitos deputados em 4 de setembro de 1870.

Nas eleições de 8 de fevereiro de 1871 foi eleito por les Bouches-du-Rhône e pelo Jura. Optando por este ultimo departamento dirigiu-se aos seus eleitores resumindo assim o seu programma :

La république toujours ; la paix, sauf revanche, par tous les moyens acceptables.

Constituida a camara em 16 de fevereiro foi elevado á presidencia por 336 votos contra 519.

Em seguida apresenta á assembleia d'accordo com M. Dufaure a proposta para que a camara elegesse chefe do poder

executivo da republica franceza a M. Thiers.

Esta proposta foi aceite por grande maioria, e Grévy teve o prazer de vêr com legitimo orgulho, que a França adoptava a sua famosa emenda que apresentara á constituição de 1848.

Desde então que o representante do Jura foi sempre honrado com a eleição de presidente da assembleia nacional, posição que sempre manteve com o maior espirito de equidade, e com a maior dignidade e sabedoria.

Nos debates parlamentares e em todos os procedimentos politicos foi Grévy sempre o mais correcto e coherente. A reacção encontrou sempre no illustre deputado do Jura o mais terrivel adversario, como se viu nas luctas que sustentou contra as medidas conservadoras apresentadas pelo gabinete Broglie.

Para com a monarchia não foi tambem Grévy mais tolerante do que o fôra com a reacção,

Condemnada em sua consciencia, a realeza, repellida pelo seu esclarecidissimo espirito, não a poupou em todos os campos onde a encontrasse a antepôr-se aos sacratissimos direitos dos povos.

Quando a maioria conservadora procurava negociar a restauração monarchica bem ferida ficou ella com o grave escripto de Grévy — *le gouvernement nécessaire* — onde demonstrou que o governo definitivo de França só podia ser democratico e republicano.

Inimigo declarado de centralisação dos poderes, pronunciou o mais notavel e vigoroso dos seus discursos, quando teve de se oppôr á proposta da direita, parlamentar, que tinha por fim confiar a Mac-Mahon o poder por 10 annos.

Como em tudo, Grévy, mostrou n'este debate a grande penetração de suas vistas : mais tarde o futuro disse as intenções de Mac-Mahon.

Teve momentos de descrença, a ponto de, a partir de uma certa epocha, se abster de tomar parte em discussões. Via a assemblea nacional surda ás vozes do dever e da justiça, e achou por melhor condemnal-a com o silencio. Eloquentissima condemnação por um homem do valor de Grévy !

Sempre coherente, obedecendo a delicadissimos sentimentos, recusou que o seu nome figurasse na lista dos candidatos a senadores por que se havia manifestado contrario á existencia de duas camaras. Em um dia, quando lhe pareceu vêr que a assemblea nacional a que presidia não approvára a sua conducta ao resumir um incidente levantado entre Mr. Le Royer e Mr. de Gramont, na discussão de um projecto de lei contra a municipalidade de Lyon, determinou-se a entregar immediatamente a presidencia á mesma assemblea que com ella o honrara.

Ainda a assemblea deu satisfação a Grévy reelegendo-o novamente ; mas os melindres do illustre deputado não ficaram vencidos diante de 349 votos por que

fora eleito, contra a 231 que o regeitaram.

Admiravel exemplo !

O seu juizo providencial revelava-se em tudo, o seu notavel bom senso collocavam-n'o na mais alta esphera dos homens superiores.

Se se dirigia aos seus eleitores dizia-lhes :

«Les partis dynastiques peuvent s'éteindre avec le temps ; l'histoire montre qu'ils n'abdiquent jamais. Ils ne cachent aujourd'hui ni leurs drapeaux ni leurs projets ; ils s'efforcent de pénétrer dans la constitution pour la détruire, et la France qui veut la République, aura longtemps encore à la protéger contre eux.»

Se se dirigia á camara electiva a que presidia affirmava :

«Nous avons messieurs une grande mission ; nous avons à inaugurer l'application de la constitution nouvelle et montrer que la République est un gouvernement d'ordre, de liberté et de progrès.»

Nunca Grévy se deixou dominar pelo entusiasmo, em face mesmo das esplendidas conquistas da republica franceza.

Frio e pensador sabia que nem sempre as victorias são duradouras, quando ha a combater inimigos de seculos como são os da republica ; sabia que as aclamações populares são passageiras e vãs, que as turbas tanto aclamam os victoriosos em um dia como os levam ao cadafalso no outro dia.

A sua notabilissima percepção, os seus vastissimos conhecimentos, a sua nunca desmentida sinceridade, honradez e lealdade partidaria, a forma por que nos momentos mais difficeis, no meio dos debates mais tempestuosos (como foram os de julho de 1877) se soube manter na mais solemne gravidade, foram que determinaram o partido republicano a escolhel-o por unanimidade de votos para presidente da republica franceza, mesmo antes da presidencia vaga e do fallecimento de Thiers.

Como actual presidente da republica franceza não é facil agora apreciar-o.

A alta capacidade com que Grévy tem sabido manter a França republicana, cercada de Estados monarchicos, não é para ser analysada nos estreitos limites d'esta publicação, que mais vem prestar o seu preito de homenagem ao primeiro cidadão da republica franceza do que fazer d'elle uma apresentação politico-historica.

Grévy (Francois-Paus-Jules) nasceu em *Mont-sous-Vandrer* (Jura) a 15 d'agosto de 1813 ; saiu do collegio ao rebentar a revolução de 1830 e fez a sua formatura em direito, seguindo a vida de advogado.

FEIO TERENAS.

AS CREANÇAS

Creanças!... Vosso olhar tem dentro uns mundos vagos
De fulgente cristal; — desenha, como os lagos,
A aridez cõr dos ceus!
O rebentos do amor, hastis virentes d'alma!...
O vosso meigo olhar a nossa dôr acalma,
E em amo o mais que a Deus!

Quando o abutre da dor vem desfibrar-me o peito
E a aza do desgano anda a assombrar-me o leito
Com sonhos infernaes,
Recordo-me, anjos bons, que a ess hora dolorida
Dormis tranquillamente, haurindo sangue e vida
Nos seios maternos :

Lembro-me entao de vós, risinhos acaenas,
Das vossas expansões alegres e serenas,
E flo-ri-me a scismar
Na quadra sorridente em que vaguei, sorrindo,
Nos alegres pousões entre o sorgear infinito
Das aves do meu lar.

Folgae, folgae, folgae, que esta era já não volta,
Não volta nunca mais! Emquanto andaes á solta
Mostraes contentamento!
O vosso dondejar tem candidos perfumes!
Vossos olhos tem luz; são como accessos lumos
No vasto firmamento!

Onem vos alegrá assim, rebentos bons do amor?...
Quem vos pinhou no olhar um rir consolador?...
Anjos, quem foi, dizei?...
Se n'uma hora infeliz choraes infantilmente,
Confrango-me eu tambem, e esta minh'alma sente
Torturas, que cem sei!...

Eu não sei descrever as fundas amarguras
Que inspira o vosso choro, ó suaves creaturas,
Com termos appropriados!
Não as sei descrever! Apenas vos bem digo
Quando devaneaes com riso franco e amigo,
Sem magoas, nem cuidados!

Eu amo o vosso olhar, suavissimas creanças!
Vossos belizos febris, vossos pieguicos mansas,
Tem mundos e tem azes
Que illumina a terra e dão clarões á trova!
Vós sois a geração que exalta, anima, onleva
As almas dos heroes!

Vós marchaeis a um porvir enthusiastico, festivo,
Cheio de perfores: — retrato fiel o vivo
D'um sol cadente e puro
Que tende a combater a trova escura e feia!
Vós sois a Ideia Nova, a immaculada Ideia...
Vós sois o Deus Futuro!

Folgae, que a vida foz: O tempo da innocencia
Passa breve, e apoz ella os astros da consciencia
Surpr hendem-nos, do choffre!
Folgae, que a infancia esvae se: — é flor que vive um dia...
Ella é que nos entorna a taga da alegria
Na alma; — intimo coltre!

Eu vejo n'esse olhar tão rutiloso e sancto
Com que alegreas o mundo, e onde roreja o pranto,
Florestas, céus e mares!
Nós temel-as tambem, mas já sem viço e flores!
Quem nos esterilisa, ó meus feis amores,
E a chama dos pezares!

Por isso continua n'esse folguedo largo
Enquanto a dor não vem, deitar-vos fol amargo
Nos labios nacraes!
Folgae em quanto a magoa esta minh'alma aponca:
Deixae-me ora esquecer a tyrannia louca
Da fome — o algea dos paes!

Maio, 1882.

ROBERTO VALENÇA.

Notas democraticas

Admirou aos monarchicos que a grandiosa commemoração civica, com que as classes trabalhadoras do paiz honraram a memoria do ministro, que firmou um sem numero de decretos onde estavam disseminados os principios d'uma nova era de civilização para Portugal, fosse uma manifestação essencialmente democratica e que o partido republicano durante ella fosse alvo das adhesões as mais espontaneas, ao ponto de ser difficil para o estrangeiro que n'um d'aquelles tres dias chegasse a Lisboa, perceber se pisava o solo d'um paiz governado por um chefe de origem hereditaria ou de eleição popular. E com tudo não tinham nada de que se admirar os senhores monarchicos; a obra foi sua, e de mais ninguém. Os senhores hostilizaram sempre esse movimento, procurando annull-o; o povo, os homens independentes, ao contrario, auxiliavam-no, e a causa fez-se.

Como queria a realeza que a festa con-

tribuisse para lhe dar um pouco de vida por mais algum tempo, se a realeza procurava dissuadir os seus promotores de a realizar?!

A' ultima hora queriam então absorver em seu proveito o que já estava produzido; mas quem para tal havia trabalhado, soube repelir-a com desprezo e com serenidade.

O partido republicano não trabalhou directamente para obter esses resultados, nada tinha com a festa que se celebrava, a não ser o corresponder lealmente ao appello que a benemerita commissão academica, iniciadora da solemnização e que a levou a cabo, tão briosamente, dirigiu a todos os patriotas portuguezes. Tratava-se de prestar homenagem á memoria de um patriota; a geração actual tractava de patentear o seu reconhecimento a quem tinha trabalhado por ella, ao ministro por cujas reformas o partido democratico portuguez o considera um dos seus mais valiosos precusores e portanto o seu dever era pôr ao serviço da commissão, francamente e sem intuios reservados, toda a sua força. Foi o que fez. E só o que fez.

Se os resultados produzidos por esta agitação nacional redundaram todos em favor do seu desenvolvimento, é porque o paiz, a população que trabalha tem esses sentimentos. E' este divorciamento entre a realeza e a opinião publica que os partidos monarchicos reconhecem.

A corrente é republicana; assim se afirma em plena camara de deputados. E' preciso esmagal-a; concordam n'isso os sustentaculos das instituições. Mas como? Governando bem, com moralidade, com sciencia, com honestidade, trabalhando para o bem estar da nação? Não. Perseguido exactamente os jornaes, os homens que o povo mais estima? E' uma provocação a esse povo.

Senhores monarchicos, ficae certos d'uma cousa: Se responderdes á nossa propaganda, com boa administração e com sensatez, triumpharemos pela evolução, porque, enfim, não ha ninguém que se atreva a contestal-o, a Republica é um facto que ha-de mais tarde ou mais cedo impôr-se e que ninguém terá forças para o impedir; se nos quizerdes fazer calar pelos meios violentos, pela suspensão de garantias, então triumpharemos pela revolução.

E não ha-de ser um outro individuo que a ha-de promover. A revolução é o grito que sae espontaneo das consciencias revoltadas; a revolução é o desforço justo d'um povo espoliado e que quer rehabilitar-se!

A. F.

AO MARQUEZ DE POMBAL

Elle, o gigante, o hero da liberdade,
O ero destruidor do despotismo,
Tinha por ideal, — o patriotismo
Tinha por norma, — o bem da humanidade.

Mas como combater a heroicidade
Dessa falange audaz do Jezuismo,
Se tinha de escalar, vencer um abismo,
De acerba o de tonaz ferocidade!

Oh martyr immortal! Da sepultura
Que guarda a tua heroica bravura
Levanta-te, e vem ver um povo inteiro.

Que n'uma patriótica romagem,
Vae a teus pes depor uma homenagem
Ao teu civismo, genial liseiro!

Lisboa, maio de 1882.

MANUEL DE ALMEIDA.

CHRONICA

Elle, anda furioso. A semana passada fez cousas do arco da velha para a agarrar. E ella a fugir-lhe e elle a dar-lhe...

Que diabo! Elle diz que não quer ouvir a *Marselheza*. . . nem nos cafés, nem nos theatros, nem nas casas particulares. . . E vá lá alguém dizer que o homem não é levado dos demonios. . .

Na casa Garrett um individuo lembra-se de cantarolar a *Marselheza*. Immediatamente preso! A policia agita-se, o homem, fumegante, chega o ouvido ao telephone. Nada! Ainda vivia a maldita. . . e elle, o grande, sem lhe esmagar a cabeça, sem lhe calcar o rabo, sem lhe apanhar uma perna. . .

Ao menos uma perna! Quanto daria elle, o maganão, por essa perna?
Deuses immortaes!

Depois foi na escola polytechnica. . . Um estudante assobia a *Marselheza*. (sem pre a *Marselheza*!) tra, la, la, tra, la ra. . .
— Vinte policias! — vocifera.

— Que venham policias, que venha a municipal. . . — regougou.
E veiu a policia, e veiu a municipal. Muita! muita!

E formando circulo, em redor de dez estudantes conduziu-os para o governo civil.

— Que m'a sirvam em postas, de fricassé, de cebolada; mas já, sem demora — exclamou em altos berros.

Mas nada! Nem de fricassé, nem de cebollada lh'a serviram.

Não, ella não estava na *Polytechnica*.

Doido, furioso, elle prosegue no seu intento de salvar as instituições.

E corre, corre muito, corre sempre, dia e noite, a toda a hora, á cata d'ella, a maldita, que não apparece e que lhe foje, como um passaro, das mãos roliças, das suas grandes mãos policiaes.

Que os céus se compadeçam d'esse pobre *Pim-pim* da situação e os medicos se compenbrem do seu triste estado mental.

O juizo é uma cousa tão boa!

SILVIO.

No proximo numero damos o retrato de Raphael Bordallo Pinheiro.